# Vila Madalena e a imigração portuguesa: cultura, trabalho, religião e cotidiano

*Yvone Dias Avelino*
PUC/SP

Há milhares de anos, os homens, por razões as mais diversas, vêm se transferindo de um país para outro, ou de uma região para outra. Essa atitude não ocorre de forma isolada, pois os envolvidos nesses deslocamentos buscavam novas oportunidades, por razões de sobrevivência e de trabalho, por razões político-ideológicas, climáticas, sociais, econômicas, ou até por busca de conhecimentos variados. Essas ondas sucessivas de deslocamentos humanos voluntários modificavam rapidamente a demografia dos países. E não podemos deixar de citar, também, os deslocamentos forçados, como os dos africanos nos séculos 17, 18 e 19, trazidos para a América como escravos.

Esse tema da imigração para o continente americano, especificamente o Brasil, pode ser abordado por enfoques diversificados. É frutífero nesse universo analisá-lo de forma macroscópica, buscando suas estruturas e as razões de deslocamento na Europa, ou as raízes profundas transoceânicas, tão proveitosas, em alguns aspectos pouco estudados. Não deixa de ser também importante adotar um enfoque mais microscópico, mais pontual, que analise a trajetória de famílias e suas localizações em diferentes regiões.[1] Todos esses movimentos sociais geraram problemas de difíceis soluções, como os de adaptação (língua, tradições, trabalho, relações sociais, cultura etc.). Além dessas questões, ainda havia o enfrentamento das reações da comunidade local, que

1 FAUSTO, Bóris (Org.). *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 2000.

os rejeitava socialmente pelos seus modos de vida originais. Mas essa prática não era a única, pois o oposto também existiu. Havia comunidades que aceitavam e encorajavam aqueles que chegavam, por representarem o desenvolvimento, a sociabilidade e a melhoria da comunidade, na medida em que os imigrantes buscavam a fixação.

Nesta pequena reflexão, nossa intenção é lançar o foco iluminador sobre algumas famílias de imigrantes portugueses que chegaram nos primeiros anos do século 20, numa seqüência até os anos 60, para a cidade de São Paulo, e que ajudaram a construir o bairro de Vila Madalena, onde se instalaram.

Esta nossa pesquisa iniciou-se com a organização de dois eventos realizados na Livraria da Vila e no Espaço Madalena, ambos na rua Fradique Coutinho, com a colaboração do Centro Cultural Vila Madalena, coordenado por José Luiz de França Penna. No primeiro, foram realizadas mesas-redondas com debates sobre o processo histórico da Vila Madalena. No segundo, uma exposição com as imagens de todos os cartazes de divulgação da Feira da Vila, com textos analisando-os, pois contam a história do bairro em suas imagens. É o cruzamento da História com a Comunicação.

A vasta produção em torno da imigração portuguesa para o Brasil tem sido objeto de avaliações, grandes sugestões e críticas, que vêm enriquecendo a historiografia contemporânea. Apresentam abordagens as mais diversas, que analisam aspectos múltiplos. Apenas mais recentemente a imigração portuguesa tem instigado os pesquisadores,[2] mas a maior parte desses estudos vê-se voltada para o Rio de Janeiro, onde sem dúvida a presença dos portugueses foi muito marcante e significativa. Assim sendo, essa temática de estudos mostra-se nos últimos anos bastante ampla, se pensarmos em novas identidades e integrações.

Após o descobrimento do Brasil, os reinóis portugueses preocuparam-se em colonizar e povoar o novo território. Aí está o nascedouro da imigração portuguesa, que se intensificou no decurso de todo o século 16 até o século 18, graças à propaganda da existência de fontes de riquezas variadas na imensidão do território incorporado ao reino de Portugal.

---

2 Cf. LOBO, Eulália Maria L. *Imigração portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2001; PEREIRA, Miriam Halpern. *A política portuguesa de emigração* (1850-1930). Bauru, SP: Edusc, 2003.

As minas de ouro descobertas em Minas Gerais foram um fator significativo para a atração de novos personagens, que passaram a integrar o novo espaço. Portugueses e negros africanos conviviam em estamentos sociais diferenciados, no trabalho da lavoura e no da mineração. Eram os "Prósperos" e os "Calibans", tão bem visualizados em referência à América Espanhola no texto de Leopoldo Zea.[3]

Durante todo o período colonial, a coroa portuguesa proibiu a entrada de estrangeiros no território. As tentativas francesas e holandesas foram objeto de lutas constantes. Essa situação foi superada, em parte, com a vinda da Corte Portuguesa, por ocasião da decretação do Bloqueio Continental na Europa napoleônica, pois o sistema de exploração da grande propriedade e o trabalho escravo dificultavam a instalação da imigração estrangeira, que só se acentuou no compasso do declínio da escravidão.

Até 1818, as tentativas de instalação de irlandeses e alemães na Bahia e em Pernambuco não tiveram êxito. Experiências bem sucedidas ocorreram nas regiões Sudeste e Sul do país. Em 1819, foram fundadas as colônias alemãs de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, e de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul; esta última prosperou e deu impulso à formação de outras colônias, como as de Torres e Nova Hamburgo. A imigração alemã intensificou-se na década de 1840, e novas colônias surgiram nas províncias do Rio de Janeiro (Petrópolis), Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Na segunda metade do século 19, uma série de medidas encaminhadas por políticos, intelectuais e proprietários de terras marcou o desenrolar de atos pró-abolição da escravatura. A imigração acentuou-se principalmente nas áreas onde o trabalho escravo era menos difundido. Os alemães instalaram-se em Santa Catarina, ocupando o vale do rio Itajaí, aí fundando a colônia de Blumenau. Novas colônias alemãs surgiram também no Paraná, no Espírito Santo e em Minas Gerais. Vários núcleos coloniais norte-americanos foram fundados também. Eram confederados derrotados na Guerra da Secessão, vindos do Sul dos Estados Unidos. Na região de São Paulo, a cidade de America-

3 ZEA, Leopoldo. Decir y maldecir em conciencia americana. In: *Nuestra América*. México: Universidade Nacional Autonoma do México, 1981.

na se notabilizou com a vinda desses sujeitos, como tão bem expresso no livro de Ana Maria Costa de Oliveira.[4]

Nesse período iniciou-se uma grande e maciça imigração de italianos para as províncias do Sul e do Sudeste. Em São Paulo esses imigrantes distribuíram-se pelo campo, nas lavouras de café, e outros pela urbe, contribuindo em parte para as grandes transformações que caminhavam para a urbanização e a industrialização paulista.

No ano da abolição da escravatura, o número de imigrantes no país foi duas vezes maior do que o número total das entradas registradas nos 80 anos anteriores. Segundo dados estatísticos do IBGE,[5] desde a entrada dos primeiros grupos de alemães, fundadores de Nova Friburgo, até os anos finais do século 20, quase seis milhões de imigrantes entraram no Brasil. Os principais grupos desse total são de imigrantes portugueses, italianos, espanhóis, alemães e japoneses.

Na cidade de São Paulo, nos primeiros 30 anos da República, o impulso transformador do seu crescimento gerou com o processo imigratório uma dificuldade diferenciada de outras regiões, onde a grande massa de trabalhadores chegou a exceder as necessidades do mercado, a absorver costumes distintos e a dar um tom singular ao comércio, que crescia com a urbanização e o início da industrialização nesse período.

Os portugueses pela cultura, tradição e língua foram os que mais se identificaram, e constituíam o grupo mais numeroso, 31,5% do total da imigração. Sua fixação ocorreu mais nas grandes cidades. Já os italianos concentraram-se mais no estado de São Paulo e representavam 28,8%, seguidos dos espanhóis, com 12,9%. Os alemães, que constituíam o grupo mais expressivo no início, reduziram-se a 5,3% do total. Os japoneses começaram a chegar a partir de 1908 (comemoram 100 anos de imigração em 2008), e ocupam uma posição significativa, pois representam 4,4% do total.

A imigração, ora apoiada pelo governo central, ora pelos governos provinciais e mais tarde estaduais, ou até por fazendeiros independentes, recebeu uma legislação própria apenas em 1921. A partir da Revolução de 30, o gover-

---

4 OLIVEIRA, Ana Maria Costa de. *O destino (não manifesto)*: os imigrantes norte-americanos no Brasil. São Paulo: União Cultural Brasil/Estados Unidos, 1995.

5 INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE): <www.ibge.gov.br>.

no adotou medidas de proteção ao trabalhador nacional,[6] e passou a limitar a entrada de imigrantes, e a Constituição de 1934 estabeleceu um regime de cotas, com o limite de entradas anuais em apenas 2% do total de imigrantes de cada nacionalidade já fixados no Brasil nos 60 anos anteriores.

Nos anos 70, precisamente em 1972, estando o Brasil sob o regime militar, foi assinado um convênio entre os governos do Brasil e de Portugal, estabelecendo a igualdade de direitos e de deveres entre brasileiros e portugueses. No ano de 1980 foi aprovado o Estatuto dos Estrangeiros (Lei nº 6.815), que define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, e na ocasião criou-se o Conselho Nacional de Imigração.

A contribuição desses imigrantes foi imensa para os territórios que os receberam, pois a propaganda de "fazer a América" resultou em benefícios sociais, econômicos e culturais dialéticos. Deixando suas terras, vindo com ou sem família, estavam iludidos pelo sonho dessa propaganda, ou seja, acumular um pequeno pecúlio e retornar. Sonhos desfeitos. Poucos conseguiram acumular muito, a maioria conseguiu acumular pouco, mas foram poucos os que conseguiram realizar o mito do eterno retorno[7] em toda plenitude.

Ao elaborarmos essa pesquisa sobre a Vila Madalena, deparamos com a história desse bairro, suas transformações, e também com a necessidade de analisarmos essas diversas imagens e seus notáveis personagens, oriundos de minúsculas aldeias de Portugal.

A Vila Madalena Nasceu como Vila dos Farrapos em 1910. Vila esta que no século 16 era habitada por indígenas e representava parte do hoje bairro dos Pinheiros, região onde havia um aldeamento com missionários jesuítas, que ministravam a catequese, faziam batizados, missas e ensinavam os hábitos do trabalho aos índios. Havia aí uma capela, cuja padroeira era Nossa Senhora da Conceição. As fronteiras não eram rígidas, nem geográfica nem culturalmente.[8] Os morros e planaltos dos Pinheiros eram cortados pelo córrego do rio Verde, que nascia perto da hoje rua Oscar Freire e desaguava no rio Pi-

6 FAUSTO, Bóris. A revolução de 30. In: *Memória e história*. São Paulo: Graal, 2005.

7 ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*: arquétipos e repetição, Lisboa: Ed. 70., [s.d.].

8 No início do século 16, desde a fundação da cidade de São Paulo pelos padres jesuítas, em uma vastíssima várzea do rio Pinheiros até o espigão onde hoje se situa a avenida Paulista, os habitantes eram índios.

nheiros, afluente do Tietê, que atravessa todo o estado de São Paulo. As localidades do lado oeste do córrego, onde hoje se localiza a Vila Madalena, chamavam-se, já no início do século 20, "Sítio do Rio Verde". Alguns antigos moradores da Vila Madalena contam que o proprietário das terras era um português que tinha três filhas, as quais deram origem aos nomes dos atuais bairros de Vila Beatriz, Vila Ida e Vila Madalena. Entretanto, essa história faz parte do imaginário popular dos habitantes da Vila.

Na primeira década do século 20, com o progresso intensivo da imigração, a cidade de São Paulo ampliou-se e modernizou-se, e a Vila Madalena passou a ser ocupada por famílias de imigrantes portugueses. Terras foram adquiridas e a vila se transformou.

A vila humilde recebeu gente humilde também, que aí se notabilizou. Hoje são testemunhas insuspeitas, que se transformaram em documentos raros. A vila foi descoberta por imigrantes portugueses, gente simples, de poucas letras, mas sábios construtores de um saber inigualável.

Trabalhadores do campo, de pequenas aldeias portuguesas, que descortinavam o mundo diferenciado do trabalho atravessando o mar e sofrendo na terceira classe de navios fétidos, com mulheres, crianças e pouca comida, mas muita esperança. Viveram e viram alguns a transformação da Vila Madalena. Eternizaram um passado no presente e deixaram rastros para o futuro que ainda não chegou, e que parece que se perdeu numa volta dessa longa e penosa caminhada.

Foram chegando, então, e fixando-se na região. Esses sujeitos e seus filhos tornaram-se servidores da limpeza pública, motorneiros, cobradores de bondes, pedreiros, padeiros, jardineiros, saqueiros, açougueiros, sapateiros, donos de "vendas", estudantes ou construtores de túmulos nos cemitérios São Paulo e Araçá, próximos à Vila. Edificaram suas casas quase todas iguais: baixas, em terrenos compridos, aproveitados para jardins e hortas, criação de patos, galinhas etc. Eram em geral duas casas: uma na frente, a da família, e a outra atrás, ou para alugar, ou para o filho mais velho, se já fosse casado, até que este ganhasse o suficiente para construir a sua própria moradia. Nessas moradias não podiam faltar na porta de entrada, em azulejo ou em um nicho, os representantes da religiosidade: o Coração de Jesus ou Santo Antonio. As casas eram separadas por muros baixos, para que a solidariedade se processasse e trocas fossem feitas com amor, paz e respeito. Naqueles tempos, vizinhos

eram vizinhos que trocavam idéias e se ajudavam mutuamente, e que ninguém se intrometesse nesse "parentesco" e no saudável viver deles.

Os portugueses aí eram corajosos, valentes, trabalhadores, um povo alegre, feliz e solidário. Golpes do destino, tristezas e embaraços eram resolvidos rapidamente e com emoção, e havia a saudade dos parentes e amigos distantes que eram sempre lembrados, e eram objeto de conversas familiares, lágrimas e cartas amorosas.

Em 1910, a Light, empresa de energia elétrica, e a Cia. City, uma das principais urbanizadoras de São Paulo, anunciaram a construção de uma linha e de uma estação de bondes na região da Vila Madalena, e a criação de bairros nobres nas adjacências. Os terrenos e as propriedades da vila valorizaram-se. Nessa época as ruas eram de terra, sem iluminação e com acesso precário, com suas ladeiras íngremes e pequenos córregos. Foi somente na década de 1950 que essas ruas de terra começaram a ceder lugar ao asfalto. O bonde chegou, pois até então só ia até a esquina das atuais ruas Fradique Coutinho e Teodoro Sampaio, em frente ao laboratório Instituto Pinheiros, que ocupava um quarteirão. Os moradores que dependiam de condução subiam a pé, por um imenso declive, até os altos da vila. Todo esse progresso foi conquistado graças ao esforço dos seus agentes portugueses e da boa vontade política do então pároco padre Olavo Pezzotti, da Igreja de Vila Madalena, cuja padroeira é Santa Madalena. Essa igreja, de arquitetura diferenciada, foi projetada pelo arquiteto Joaquim Guedes, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP).

A alegria tão peculiar a essa gente era extravasada nas memoráveis quermesses, as festas religiosas em louvor dos padroeiros oficiais, Santa Maria Madalena e São Miguel Arcanjo.[9]

A boa índole desses audazes lusitanos da Vila Madalena também se demonstrava em festas cívicas bastante concorridas, como a do 7 de Setembro e a do Trabalhador, no 1º de Maio, as quais movimentavam as famílias do bairro. Eram organizadas corridas, partidas de futebol disputadíssimas entre os ti-

9 Cf. PEZZOTTI, António Ivo. *Vila Madalena e suas figuras notáveis*. São Paulo: Ed. Eletrônica W. Roth, [s.d.]; SQUEFF, Ênio. *Vila Madalena*. São Paulo: Boitempo, 2002; FLORA, Anna. *A república dos argonautas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

mes rivais do E. C. União Operária, mais tarde 1º de Maio, e o E. C. Leão do Morro, de Vila Beatriz.

O interesse desses agentes, todos de origem portuguesa, estava centrado na organização da família, da religião, do trabalho e da irmandade solidária. Com o loteamento do antigo Sítio do Rio Verde, e em função de todas essas transformações movidas pelos seus moradores, a Vila Madalena cresceu, e ainda hoje encontramos vestígios da passagem desses valorosos imigrantes por essa região, através de seus costumes preservados, sua arquitetura, e de seus descendentes, fontes para nossa pesquisa.

Nas décadas de 1960 e 1970 o bairro abrigou a população de estudantes, funcionários e professores da então recém-inaugurada Cidade Universitária da USP. O Estado criou uma escola pública, e inúmeras outras, particulares, apareceram. Pela localização privilegiada e também pelo baixo valor dos aluguéis à época, vários artistas, intelectuais e boêmios também para aí migraram. Em seqüência, a Vila foi tornando-se eclética, de uma população variada, tanto do ponto de vista étnico quanto cultural. Incrementou-se o comércio e as suas ruas foram asfaltadas e iluminadas, tornando-se atraentes. Aqueles imigrantes portugueses havia muito fixados ali foram assistindo tristemente ao desenvolvimento e à transformação progressiva da vila pacata que os acolhera. O barulho dos bondes e posteriormente dos ônibus da CMTC, as feiras livres, os locais de bailes, os postos de saúde e de combustíveis alteraram a visão dessa vila, que foi se alargando e perdendo a aparência de calma interiorana, a mesma dos lugarejos portugueses.

Nos anos 80 começaram a surgir os bares e uma série de negócios sofisticados, como galerias de arte, ateliês e lojas de grife, que têm sua divulgação hoje em roteiros turísticos da Grande São Paulo, chamando para a região personagens de outras paragens. A figura da antiga costureirinha, do alfaiate, da bordadeira, da doceira, e tantos outros símbolos de um passado artesanal, hoje não mais são encontrados.

Em fins do século 20, bares e danceterias tornavam adolescente o perfil dessa vila, com "botecos" e cerveja servida em copos de plástico. Aos poucos, surgiram pizzarias mais "descoladas", restaurantes, lojas de *design*, livrarias, imensos postos de gasolina, locadoras de vídeo, casas de chocolate, cafés e *megastores*, mudando assim novamente a atmosfera do bairro. Essa mudança fez que a Vila ficasse mais atraente, elevando o valor do metro quadrado residen-

cial em 40% nos últimos dez anos. Também gerou uma telenovela, intitulada *Vila Madalena*, produzida pela Rede Globo, uma das maiores emissoras da TV pública brasileira, e retransmitida em vários países, entre os quais Portugal.

Hoje, a Vila Madalena se impõe como um dos bairros mais conhecidos desta imensa megalópole, que cresceu desordenadamente. A Vila é o grande ponto de encontro da boemia paulistana. No período da noite ela se ilumina, o tom é o da alegria, da descontração, das reuniões, das variadas comidas típicas, dos bares, de lançamentos de livros, de palestras e de exposições artísticas as mais variadas, que dão o toque sofisticado da São Paulo noturna.

A escola de samba Pérola Negra, situada na Vila desde quando esta era um bairro de operários e ainda não tinha a agitação dos dias atuais, teve como enredo no Carnaval de 2004 o tema "Oh! Madalena de suas Tribos, Pérola Negra Faz o seu Canto". Uma recuperação da história iniciada pelos imigrantes portugueses por ocasião da construção do bairro, até a moderna Vila Madalena. Os mais de 1.500 componentes e os quatro carros alegóricos expuseram momentos importantes dessa memória coletiva, com a chegada dos imigrantes, dos *hippies* e da Feira de Artes, além da boemia, que sempre marcou o local como reduto de artistas da Paulicéia Desvairada.[10] A história do bairro se mistura ao dia-a-dia da escola de samba, que na ocasião não ganhou o prêmio, mas deixou na avenida, no sapateado de seus sambistas e suas baianas, e de todos os figurantes a marca indelével da construção e da contribuição inicial desses imigrantes portugueses.

No passado havia as festas religiosas e do Dia do Trabalho, havia as partidas de futebol, e hoje a Vila ainda mantém a tradição de festividades, entre elas a Feira da Vila, que acontece anualmente no mês de agosto, há mais de três décadas. É uma verdadeira festa de rua, com comidas típicas, artesanato, saraus, *shows* musicais e circenses. Um evento que atrai milhares de visitantes e enche de orgulho os moradores, que não trocam esse bairro boêmio por nenhum outro lugar.

Na pesquisa de campo, buscamos levantar por meio da técnica da história oral[11] alguns depoimentos significativos, assim como reunir depoimen-

10 Expressão utilizada por Mário de Andrade ao se referir à cidade de São Paulo, em 1927.

11 FROTA, Luciara Silveira de Aragão. *Documentação oral e temática da seca* (Estudos). Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1985; GALLIAN, Dante M. Claramont.

tos já realizados, no acervo do Museu da Pessoa e em documentos oficiais, para uma reflexão substanciosa. Pretendemos trabalhar no cruzamento das entrevistas realizadas ou a serem realizadas com as famílias descendentes de imigrantes portugueses: João Dias, José Braz, António Jarra, José Gomes, Décio Justo e Antonio da Rocha Guimbra, naturais das aldeias portuguesas de Vilar Formoso, São Pedro, Guarda, Vila Nova de Gaia, Porto e Espinho.

A Vila ainda tem alguns de seus descendentes morando aí, na acolhedora atmosfera de seus heróicos ancestrais, pois alguns retornaram a Portugal, definitivamente. Alguns retornaram apenas em visita, e outros nunca mais atravessaram o Atlântico, mas todos adotaram o Brasil como segunda pátria, pois aqui venceram, conseguiram "fazer a América", deram aos seus filhos e netos educação de nível superior, projeção intelectual, política, econômica e social. Os portugueses que analisamos pertencem ao grupo dos vencedores.

---

*Pedaços da guerra*: experiências com história oral de vida de Tobarrenhos. Dissertação (Mestrado) – USP, 1992; NEVINS, Allan. The uses of oral history. In: DUNAWAY, David K.; BAUN, Willa K. (Ed.) *Oral history*: an interdisciplinary anthology. Nashville: American Association for State and Local History, 1984.